

COMENTÁRIO AO TEXTO DE RODRIGO TONIOL

DA VIRADA MATERIAL À VIRADA CATÓLICA:¹²

*Eduardo Dullo*³

Resumo: Neste comentário, sugiro que o texto de Rodrigo Toniol revitaliza elementos clássicos da reflexão antropológica por meio de um duplo deslocamento, teórico e empírico: a ênfase na materialidade e o foco na institucionalidade da Igreja Católica. Se a teoria das materialidades religiosas já foi bastante disseminada e compreendida, os impactos do renovado foco empírico no catolicismo ainda estão sendo elaborados. Há uma “Virada Católica” em curso nos estudos brasileiros da religião? Este comentário sugere que sim e estimula esse debate sugerindo que o texto de Toniol participa dessa virada de forma significativa. A provocação prossegue ao perguntar: quais as consequências teórico-metodológicas dessa Virada Católica?

Palavras-chave: Catolicismo; Materialidade; Controvérsia; Historicidade.

COMMENTARY ON THE TEXT BY RODRIGO TONIOL

FROM THE MATERIAL TURN TO THE CATHOLIC TURN?

Abstract: In this commentary, I suggest that Rodrigo Toniol’s text reinvigorates classic elements of anthropological reflection through a dual shift—both theoretical

¹ Como citar: DULLO, Eduardo. Comentário ao texto de Rodrigo Toniol. Da virada material à virada católica?. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e156136, 2026.

² Foi utilizada a IA Generativa DeepL.com, em sua versão gratuita, para uma primeira versão do Abstract, traduzindo o Resumo original em português.

³ Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Editor-chefe da Revista Debates do NER. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (processo 311692/2026-5). E-mail: eduardo.dullo@ufrgs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3793-7406>.

and empirical: the emphasis on materiality and the focus on the institutionality of the Catholic Church. Whilst the theory of religious materialities has already been widely disseminated and understood, the implications of this renewed empirical focus on Catholicism are still being worked out. Is there a 'Catholic Turn' underway in Brazilian religious studies? This commentary proposes an affirmative answer and encourages this debate by suggesting that this text plays a significant part in this turn. The debate continues with the question: what are the theoretical and methodological consequences of this Catholic Turn?

Keywords: Catholicism; Materiality; Controversy; Historicity.

Será que já temos elementos suficientes para afirmar que as Ciências Sociais da Religião no Brasil estão passando por uma nova *virada*? Não uma virada atrelada às transformações teóricas do norte global, mas uma virada que extraia as consequências teórico-metodológicas de uma mudança de foco em curso entre nós? Haveria uma “Virada Católica” em curso nos estudos brasileiros da religião? E qual o seu potencial de impacto em nossos trabalhos?

Essas são algumas das questões que coloco para Rodrigo Toniol a partir da leitura de seu importante artigo *A vida material dos templos católicos* (2026), que a *Debates do NER* publica neste ano. É também uma satisfação ter sido convidado por Rodrigo para ser um dos comentadores deste Debate que eu mesmo organizo, pois ele foi um incansável editor deste periódico por aproximadamente 18 anos, muito antes de minha chegada à UFRGS e de ter assumido como editor-chefe (em 2017) em substituição ao professor Carlos Alberto Steil. Hoje, Rodrigo Toniol integra o seleto grupo do Conselho Editorial da Debates do NER, ao lado de outros importantes membros do Núcleo de Estudos da Religião: Carlos e Ari Pedro Oro.

Mas retornemos ao texto. Toniol parte da materialidade dos templos católicos, as igrejas, para fazer um argumento significativo: embora a nossa paisagem tenha se constituído desde o início do período colonial com a presença dessas construções, pouco (e ele nos traz algumas exceções importantes) foi feito para refletirmos criticamente sobre o seu caráter histórico na Sociologia e Antropologia da Religião. Uma das consequências é a de que

se reproduz acriticamente o efeito pretendido pela própria Igreja Católica: a sensação, socialmente produzida, de que seus templos são permanentes e imutáveis como ela mesma. Em outras palavras, os templos católicos projetam uma imagem de que a Igreja Católica está fora do tempo e, portanto, fora do mundo – ela é atemporal. O texto de Toniol faz, então, o extremamente importante contra-argumento capaz de evidenciar o caráter transitório e mutável da materialidade dos templos e, por consequência, da (auto) fabricação constante da própria Igreja Católica. Toniol desdobra esse argumento em duas consequências teórico-metodológicas muito relevantes: a dimensão processual, que revisita uma antropologia histórica com atenção às múltiplas temporalidades dos objetos e sujeitos sociais sob análise; e a análise de controvérsias, que permite a multiplicação das perspectivas em situações de conflito.

Fundamentado nisso, meu comentário tem por objetivo sugerir que a virada material é apenas um ponto de *partida*. Na condição de partida, permite um deslocamento teórico importante nos estudos da religião, caminhando rumo a aspectos antes deixados de lado. É um ponto de partida que também permite uma reconfiguração do próprio fenômeno religioso, após as críticas pós-coloniais contundentes de Talal Asad (2010) às formulações culturalistas que o entendiam como um conjunto de crenças, muitas vezes individualizado e interiorizado, uma visão de mundo (dentre outras, como as econômicas, políticas etc.) oferecida pela separação de esferas do mundo secularizado. Só que esse deslocamento não é o único e, a meu ver, talvez nem seja o mais importante da contribuição de Toniol. Há também um deslocamento empírico, pois sua atenção à materialidade se dá a partir da institucionalidade da Igreja Católica – seus templos. Com isso, o ponto de chegada de seu texto deriva desses dois deslocamentos. Pretendo enfatizar aqui o segundo, uma vez que o texto é um dos primeiros a desdobrar as consequências teórico-metodológicas da mudança recente nas Ciências Sociais dedicadas à religião no Brasil.

Por muitos anos (talvez possamos dizer que nas últimas três décadas), o campo de estudos da religião se concentrou no fenômeno em expansão

das “igrejas evangélicas” (pentecostais e “neopentecostais”). Nesse período, a novidade fez com que se olhasse para o segmento cristão evangélico de forma a tentar compreender as formas de liderança, de criação de novas disposições de gênero, de adesão política, de sensibilidades estéticas, entre inúmeras outras (Dullo, 2024). Entretanto, isso se deu às custas de prestar atenção de forma sistemática ao que ocorria com a Igreja Católica e com as apropriações do catolicismo pelos fiéis. A produção de conhecimento sócio-antropológico sobre a Igreja Católica foi soterrada (para usar uma imagem da demolição dos templos) pela relevância quantitativa dos números censitários, que a caracterizou apenas como aquela que perde (mais) fiéis e, portanto, perde em importância social. Quase como dizer: “Se nem os fiéis se interessam por ela, por que razão nós (sociólogos ou antropólogos) deveríamos?”.

Isso não quer dizer que durante essas décadas não tenham surgido muitos e excelentes trabalhos sobre o catolicismo, mas que esses trabalhos não foram capazes de movimentar as teorias sociais sobre a religião entre nós. O que se deve, provavelmente, ao caso de trabalharem com um objeto que não parecia merecer maior atenção e reflexão. Por isso, foram produções mais ignoradas do que lidas, apesar da sua excelência e da importante contribuição que fizeram para a área⁴. Apesar de tudo, atualmente, boa parte dos pesquisadores – sejam pós-graduandos em formação ou docentes já estabelecidos – percebeu que a Igreja Católica não desapareceu nem perdeu a importância social no Brasil (talvez nem em outros países da América Latina). O necessário agora é que as transformações ocorridas nestas últimas décadas possam ser pesquisadas e compreendidas. Nos últimos dois encontros da ACSRAL (no Rio de Janeiro e em Montevidéu, respectivamente), pude coordenar um Grupo de Trabalho sobre Catolicismo com María Bargo (UNAM) que teve excelente adesão e procura, tendo sido reconhecido pela organização do último encontro como um dos GTs com maior submissão de

⁴ Para citar apenas dois artigos publicados na *Debates do NER* na última década: Sousa Bonfim (2015) e Garcia (2018).

resumos para apresentação. Esse fato se consolida com o Dossiê Catolicismos Contemporâneos da América Latina que estamos organizando na Revista da Associação e para o qual escrevemos uma Introdução (Dullo e Bargo, 2026). Nessa Introdução nos detemos mais longamente em alguns pontos, de maneira que não irei reproduzi-los aqui, mas a variedade de trabalhos que recebemos (inclusive os não aprovados) demonstra que há um amplo e crescentemente diverso interesse. Esse interesse está presente em outros periódicos (ainda que aqui citarei novamente apenas os da *Debates do NER*), como no número 44 de 2023, com diversos textos sobre Catolicismo (Batista de Oliveira, 2023; Sales, 2023; Steil, 2023; Tesser, 2023). Entretanto, esse olhar para o catolicismo ainda está muito marcado pela demanda pública de resposta à “reviravolta conservadora” (Hatzikidi e Dullo, 2021), isto é, o retorno da expressão pública e ostensiva de ideais, práticas e comportamentos políticos conservadores que existem há muito tempo na sociedade brasileira. Assim, há ainda um momento de transição no qual falar de catolicismo parece ser falar de catolicismo *conservador*, pois é essa faceta a mais ostensivamente pública (Dullo e Bargo, 2026; Jungbeck, 2026, p. 3).

Inspirado nas reflexões de Marilyn Strathern (2006[1988]), que tensionou as diferenças da produção feminista e antropológica, replico aqui a vitalidade dessa tensão entre uma produção politicamente radical e uma produção intelectualmente radical. A politicamente radical, no nosso caso, questiona os movimentos e associações conservadores, reacionários e mesmo neofascistas que se desenvolveram no Brasil das últimas décadas. Por outro lado, a produção intelectualmente radical questiona e transforma formas de pensar, conceituar e articular estabelecidas entre nós. Porém, Strathern estava tensionando (ou tornando incômoda, “*awkward*”) duas tradições de pensamento, o feminismo e a Antropologia, ao passo que, em nosso contexto, temos casos em que aspectos centrais do empreendimento antropológico foram colocados de lado em favor de aspectos mais politicamente radicais. Em suas próprias palavras (Strathern, 2006, p. 60):

Transformar a maneira de pensar pode ou não ser visto como uma ação prática, mas o radicalismo acadêmico, por outro lado, parece frequentemente resultar em uma ação conservadora ou inação. A política radical, por sua vez, tem que ser conceitualmente conservadora, ou seja, sua tarefa é operacionalizar conceitos ou categorias já conhecidos, tais como “igualdade” ou “homens”.

Não se trata de dizer, com isso, que não seja possível fazer as duas coisas (uma política radical e um radicalismo acadêmico). Apenas que elas não podem ser feitas *ao mesmo tempo*, pois, inspirada em Roy Wagner, Strathern opera com uma análise que oscila entre diferentes perspectivas, e é justamente essa oscilação contínua e controlada que traz grande riqueza (um pouco como a dinâmica entre fundo e figura em “ilusões de ótica”, nas quais se pode ver diferentes imagens ao mudar o foco da visão sobre a mesma tela).

Com isso, quero dizer que o texto de Toniol rompe com essa antropologia por demanda pública politizada e se dedica a extrair da particularidade do catolicismo uma contribuição para a área. É a partir dos fatos anteriores e dessa radicalidade de transformação das maneiras de pensar a partir do catolicismo que conseguimos entrever que está em curso uma nova “Virada Católica”, da qual o texto do Toniol faz parte.

A questão se torna, então: quais as consequências teórico-metodológicas dessa virada católica? Vou argumentar aqui que o texto de Toniol apresenta algumas consequências, mas que não devem ser entendidas como todas as consequências possíveis. A primeira delas é temporal e a segunda é a ênfase no conflito moral relacional.

Ao nos deslocarmos da ênfase na experiência evangélica pentecostal, seu crescimento numérico e a visibilidade de sua expressão política contemporânea, para o catolicismo e para a institucionalidade da Igreja Católica, é necessário afastarmo-nos do presenteísmo etnográfico e nos aventurarmos numa temporalidade longa, própria de uma instituição transnacional com dezenas de séculos de existência. O texto de Toniol faz um mergulho em diversos *arquivos*, públicos e eclesiais, recuperando trajetórias, ideias, posições e confrontos que foram se desenrolando ao longo de muitos anos e

mesmo de muitas décadas da história brasileira. Isso não é de menor importância, pois a experiência contemporânea católica não foi criada recentemente, nem é reflexo apenas da situação atual, mas traz consigo uma historicidade própria: há sempre uma maneira pela qual práticas, ideias, afetos ou sensibilidades foram organizadas em outro momento e com outras motivações e disposições, de forma que importa – e muito! – entender o que fez com que isso se mantivesse ou alterasse temporal e/ou espacialmente. No caso da materialidade dos templos, podemos notar que, mesmo com a demolição de Igrejas, suas partes – agora fragmentadas – permanecem, prosseguem, são reincorporadas em outros templos, outros cenários, mesmo fora da experiência propriamente religiosa, como nos museus ou coleções particulares. Talvez a ênfase material do texto de Toniol nos permita a visibilidade de algo que ocorre de maneira específica na experiência católica: da historicidade de suas práticas, ideias e sensibilidades, seja em dimensões materiais ou intangíveis (como seu entendimento do gênero, dos sacramentos, da relação com a política etc.).

Além da historicidade, há também uma temporalidade própria dessa instituição: uma temporalidade lenta para nossa experiência acelerada contemporânea, pois não configura uma temporalidade da experiência individual, mas mais provavelmente *transgeracional*. A provocação que faço é a de que a lenta temporalidade transgeracional da Igreja Católica é o que causa o efeito de sua atemporalidade, e de que os templos são eternos e permanentes, imutáveis. Talvez seja necessário pararmos de tratar os papados como governos seculares, com a expectativa de que o novo papa tenha um claro “programa de governo” que vá reformar a Igreja Católica conforme nossos pressupostos políticos sobre as dinâmicas de gênero e sexualidade, como foi esperado do Papa Francisco mais recentemente. É possível que a experiência temporal acelerada da modernidade secular (Koselleck, 2014) seja o motivo pelo qual as pessoas criem a expectativa dos 50 anos em 5.

Para verificar essa temporalidade transgeracional não é suficiente fazer a observação direta própria do presenteísmo etnográfico, mas – como fez Toniol – é preciso combiná-la com pesquisa em arquivos para recuperar sua

historicidade (para a articulação de etnografia com arquivos históricos no catolicismo, ver também Jungbeck, 2026). Assim, poderemos compreender o motivo de os evangélicos pentecostais causarem um estranhamento em nossa experiência historicamente sedimentada da laicidade brasileira. Esse estranhamento é resultado de seu afastamento diferencial da história que a Igreja Católica criou para si mesma (e da História que criou para todos os brasileiros) e que foi também naturalizada como a forma da nossa laicidade. Isso acontece justamente por perdermos de vista a temporalidade lenta com a qual a laicidade foi concebida e construída, ao longo de aproximadamente 90 anos, desde os anos 1930 (Dullo, 2015). Ou seja, não é apenas o templo que aparece como imutável e perene, mas também posicionamentos ético-políticos e mesmo formas de governamentalidade, mesmo que isso esteja – assim como os templos discutidos por Toniol – em constante mudança.

A segunda consequência é o que chamei de ênfase no conflito moral relacional, e que no texto de Toniol aparece por meio da noção de “controvérsia”. Em 2013 e 2014, na sequência da elaboração de Paula Montero (2012) sobre a análise das religiões como discurso, o grupo de pesquisa no CEBRAP enveredou por uma discussão que culminou em um conceito específico de “controvérsia”, inspirado no pragmatismo sociológico de autores franceses encabeçados por Luc Boltanski (Boltanski e Thévenot, 2006[1991]; cf. Lemieux, 2018). Essa reflexão resultou no volume coletivo organizado por Montero (2015), que apresenta casos empíricos sobre a presença pública de religiões e centraliza não apenas o conflito, mas enfatiza a observação analítica da relação entre posições dissonantes e divergentes presentes no conflito. Em outras palavras (Dullo, 2016), trata-se de focar a *relação* entre agentes sociais em disputa e de focar como essa relação é compreendida por seus agentes em divergência. Assim, em vez de termos um único agente social privilegiado na narrativa de um conflito social, temos uma *controvérsia*. Talvez este aspecto das múltiplas perspectivas sobre um mesmo conflito tenha sido pouco observado por não encaixar bem com as demandas públicas politizadas, que esperam que as produções acadêmicas ofereçam legitimidade a um ou outro lado da controvérsia. O potencial

dessa oscilação (ou comparação) controlada de múltiplas perspectivas reside justamente na transformação das maneiras de pensar.

Estou recuperando a formulação sobre as controvérsias para chamar a atenção para a conexão entre essa proposta analítica e uma possível particularidade do catolicismo tal como vem sendo debatida pela também contemporânea “Antropologia do Catolicismo” (Norget, Valentino e Mayblin, 2017). Isto é, coloca-se em discussão a própria dificuldade de conceituar o catolicismo, pois é uma fé que abarca uma imensa “complexidade de/em oposições” (Schmitt, 1996[1923]) em uma única instituição hierarquicamente organizada. A famosa elaboração de Carl Schmitt nos estimula a perceber que a Igreja Católica engloba desde posições progressistas mais radicais (como herdeiros da Teologia da Libertação e teologias feministas, *queer* e negras), passando por posições mais conservadoras, como a Renovação Carismática, até os movimentos mais conservadores e tradicionalistas (como a *Opus Dei* ou o retorno de missas tridentinas e de noções mais hierárquicas de família e de papéis de gênero). Essas e muitas outras posições antagônicas (tanto em termos políticos quanto em termos teológicos, com as correspondentes divergências em práticas rituais) coexistem na Igreja Católica; e todos se autodeclaram fiéis católicos (um ponto central é em que momento se instaura a ruptura por intermédio da autoridade eclesial hierarquizada). Ou seja, frente à possibilidade analítica da Igreja Católica como uma “*complexio oppositorum*” (cf. Mosse, 2017), temos um fenômeno social particularmente propício para servir de experimento para a análise de controvérsias. Ao observarmos quando, como e entre quem se estabelecem as divergências, bem como quais são as *justificativas* para cada uma das posições tomadas, temos na Igreja Católica e no catolicismo vivido um rico laboratório – mas também um ambiente particular que merece ser comparado e contrastado com outras experiências de conflito.

É relevante também observarmos de que maneira posições católicas entram em controvérsias com posições não católicas, sejam elas evangélicas (Dullo, 2015) sejam elas atéias (Montero e Dullo, 2014) ou de agentes formadores da laicidade (Dullo e Gavioli, 2024). Assim, ao observar que o

texto de Toniol organiza, por meio da ideia de controvérsia, a disputa acerca do destino dos templos católicos, recuperando as questões que agiram para legitimar cada posição, considero que essa é uma escolha a ser evidenciada e repensada para ampliar o campo de estudos da religião a partir de uma virada católica. Um exemplo da vitalidade desse tipo de abordagem é que ele nos permite observar o “futuro do passado” e uma série de imaginações e experimentações dos sujeitos sociais enraizados em seus contextos históricos. Por exemplo, no final dos anos 1920, mais especificamente entre os anos 1927 a 1930, para que conseguissem avançar com a Reforma educacional que propunha uma escola pública laica (e gratuita, compulsória e democrática), os intelectuais coordenados por Fernando de Azevedo encontraram uma solução (para nós) inusitada para as críticas católicas à ausência de um ensino moral religioso: o escotismo (Dullo e Gavioli, 2024). Não apenas a maneira pela qual a controvérsia se instaurou, mas também como ela foi solucionada ampliam a compreensão do catolicismo e da sua importância para a sociedade brasileira do período – com fortes repercussões nos períodos posteriores.

Algumas perguntas mais específicas e etnográficas se impõem também a partir da minha experiência de pesquisa atual. Ao falar da materialidade dos templos, considero importante pensarmos na materialidade dos corpos que os ocupam e dos usos que fazem daquela construção. Os objetos transitam, vão para locais insuspeitos ou consagrados, mas também transitam as pessoas e os usos que fazem dessas materialidades. Em minha pesquisa atual, frente ao fim dos serviços religiosos oferecidos e do declínio da comunidade que frequentava a igreja até a pandemia de COVID19, uma nova comunidade de fé (cristã) passou a ocupar o templo de outra comunidade e igreja cristã (Anglicana). Essa foi uma transformação material, pois trouxeram seus objetos e seus corpos, marcados pela diversidade étnica, de gênero e sexualidade como antes não ocorria naquele espaço. Teologias e corpos negros e *queer* se materializam no local. Mas pergunto: seria possível esse tipo de transformação – a de cessão do espaço para outra comunidade de fé – nestes

templos católicos? Ou encontramos aqui um limite transformacional dessa materialidade?

Em suma e para finalizar, quero enfatizar que, no contexto acadêmico global, há uma relevante produção antropológica sobre catolicismo e a presença, entre nós, de acadêmicos plenamente capazes de fazer uma contribuição singular – a partir de nossa própria realidade e ideias. Mas isso só será possível se prestarmos um pouco mais de atenção aos fenômenos que estão ocorrendo e nos guiarmos um pouco menos pelas demandas públicas de respostas políticas específicas.

REFERÊNCIAS

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos De Campo*, 19: 263-284, 2010[1993].

OLIVEIRA, Luciano Batista de. O processo de bricolagem para inserção da medicina no discurso biopolítico do Vaticano (1950-1960): um exame do empreendedorismo de ideias do ator político Karol Józef Wojtyła. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 44, p. 51-89, 2023.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. *On Justification: Economies of Worth*. Princeton: Princeton University Press, 2006[1991].

DE SOUSA BONFIM, Evandro. “O povo católico também tem Axé”: a estética pop brasileira e a inculturação carismática. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 2, n. 28, p. 37–68, 2015.

DULLO, Eduardo. Política secular e intolerância religiosa na disputa eleitoral. In MONTERO, Paula. *Religiões e Controvérsias Públicas: experiências, práticas sociais e discursos*. São Paulo/Campinas: Terceiro Nome/Unicamp, 2015.

DULLO, Eduardo. “Seriously enough?” Describing or analysing the native(s)’s point of view. In CARRIER, James G. *After the crisis: Anthropological thought, neoliberalism and the aftermath*. London: Routledge, p. 133–53, 2016.

DULLO, Eduardo. Secularization, secularism, and laicidade: rethinking global theoretical assumptions. *Religion Compass*, e12485, 2024.

DULLO, Eduardo; GAVIOLI, João Vitor. Ensino Religioso e educação moral: uma laicidade experimental. In GIUMBELLI, Emerson; CAMURÇA, Marcelo. *Transformações da Laicidade: Estado, Religião e Sociedade em Relação*. Brasília: ABA Publicações, p. 273-292, 2024.

DULLO, Eduardo; BARGO, María. Catolicismo Contemporâneo na América Latina. *Ciencias sociales y religión/Ciências Sociais e Religião*, 2026 [no prelo].

GARCIA, Ypuan. “LIBERTAÇÃO” E CONHECIMENTO: AUTO-TRANSFORMAÇÃO OU VÍNCULO?. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 1, n. 33, p. 137–173, 2018.

HATZIKIDI, Katerina; DULLO, Eduardo (Org.) Introduction: Brazil's conservative return. In *A horizon of (im)possibilities: A chronicle of Brazil's conservative turn*. London: University of London Press, p. 1–33, 2021.

JUNGBECK, Barbara. O fim da Teologia da Libertação no Brasil?: um estudo de caso sobre mudanças de perspectiva moral em uma comunidade de Porto Alegre/RS. *Ciencias sociales y religión/Ciências Sociais e Religião*, 28: e026003, 2026.

KOSELLECK, Reinhart (Org.). “Abreviação do tempo e aceleração. Um estudo sobre a secularização”. In *Estratos do Tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto e PUC-Rio, p. 165-188, 2014[2000].

LEMIEUX, Cyril. *La sociologie pragmatique*. Paris: La Découverte, 2018.

MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. *Relig. soc.*, 32 (1), 2012.

MONTERO, Paula; DULLO, Eduardo. Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista. *Novos estud. - CEBRAP*, (100), 2014.

MONTERO, Paula (Org.). *Religiões e Controvérsias Públicas: experiências, práticas sociais e discursos*. São Paulo/Campinas: Terceiro Nome/Unicamp, 2015.

MOSSE, David. “Complexio Oppositorum”? Religion, Society, and Power in the Making of Catholicism in Rural South India. In NORGET, Kristin; NAPOLITANO, Valentina; MAYBLIN, Maya. *The anthropology of Catholicism: a reader*. Los Angeles: Univ. of California Press, p. 105-121, 2017.

NORGET, Kristin; NAPOLITANO, Valentina; MAYBLIN, Maya (Org.). *The anthropology of Catholicism: a reader*. Los Angeles: Univ. of California Press, 2017.

SALES, Lilian. O ativismo católico em operação: enfrentamento ao gênero e à pluralidade da sociedade brasileira. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 44, p. 91-122, 2023.

SCHMITT, Carl. *Roman Catholicism and Political Form*. Westport, CT: Greenwood Press, 1996[1923].

SOUSA BONFIM, Evandro de. “O povo católico também tem Axé”: a estética pop brasileira e a inculturação carismática. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 2, n. 28, p. 37–68, 2015.

STEIL, Carlos Alberto. Transformações nas Peregrinações Católicas Brasileiras. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 44, p. 123-143, 2023.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2006[1988].

TESSER, Tabata. Antifeminismos e religião: trajetórias e disputas de deputadas católicas na arena legislativa. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 44, p. 13-49, 2023.

TONIOL, Rodrigo. A vida material dos templos católicos. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e156134, 2026.

Recebido em: 10/06/2026

Aprovado em: 20/06/2026